



Revista Estudos Feministas

ISSN: 0104-026X

ISSN: 1806-9584

Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de
Comunicação e Expressão da Universidade Federal de
Santa Catarina

Lessa, Patrícia

Uterinas com prazer

Revista Estudos Feministas, vol. 30, núm. 1, e82730, 2022, Janeiro-Abril

Centro de Filosofia e Ciências Humanas e Centro de Comunicação
e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina

DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n182730>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=38170954028>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](https://www.redalyc.org)

UAEM [redalyc.org](https://www.redalyc.org)

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Uterinas com prazer

Uterines with Pleasure
Uterinas con placer

Patrícia Lessa¹  0000-0002-8942-1308

¹Universidade Estadual de Maringá, Departamento de Fundamentos da Educação,
Maringá, PR, Brasil. 87080-127 – sec-dfe@uem.br



RODRIGÁÑEZ BUSTOS, Casilda.

Pariremos com prazer.

Trad. de Caroline Caires Coelho. Belo Horizonte: Editora Luas, 2020, 127p.

Casilda Rodrigáñez Bustos nasceu na cidade de Madrid na Espanha, em 16 de maio de 1945. bióloga, escritora e feminista, em seus livros ela abordou questões sobre o corpo das mulheres, o parto, a maternidade, as culturas pré-patriarcais, a análise crítica do patriarcado relacionando a desconexão das mulheres com seus corpos, entre outros assuntos dessa natureza. No Brasil, dois de seus livros foram publicados pela Editora Luas: *A Matristica: aqui e agora* e o livro resenhado. Dentre suas obras, escreveu *El asalto al Hades*, *La sexualidad y el funcionamiento de la dominación*, *La Represión del deseo materno y la génesis del estado de sumisión inconsciente*, além de vários artigos e ensaios – todos estes ainda sem tradução para o português brasileiro. Os originais desses textos encontram-se disponíveis no site da autora: <https://sites.google.com/site/casildarodriganez/>.

Pariremos com prazer aborda positivamente o útero como potência de vida, reconectando-o ao prazer e anunciando os meandros da invenção do parto com dor. O livro engloba as discussões: “Pariremos com prazer”, “Parto orgásmico: testemunho de mulher e explicação fisiológica” e “Estender a teia”. Na primeira parte do livro, “Pariremos com prazer”, Casilda apresenta a tese do parto com prazer e a renúncia à dor no parto como significado de reapropriação feminista do poder fisiológico do útero descontraído e exercitado para o orgasmo. Em “Parto orgásmico: testemunho de mulher e explicação fisiológica”, analisa a capacidade autoerótica das mulheres nos antigos rituais voltados para o exercício uterino e a preparação para o parto natural. Ela analisa, em imagens artísticas, a aparição destes rituais. E, finalmente, “Estender a teia” aborda a reconquista e o reaprendizado dos movimentos uterinos, tais como sentir sua pulsação e cadenciar seu fluxo em todo o corpo para recuperar a maternidade como local de afeto e de empoderamento. Para apresentar a tradução, a Editora Luas convidou a ginecologista feminista Halana Faria e a terapeuta reichiana Cláudia Rodrigues para escreverem o Prefácio.

A Editora Luas é uma editora feminista que iniciou sua produção em 2019 e anunciou neste livro: “O movimento atual das mulheres é este: olhe para si mesma e se conheça. Informe-se, observe-se e compartilhe. Que assim seja” (EDITORA LUAS, 2020, p. 11). A chegada do livro no Brasil é um bom sinal, muitas discussões estão vindo à tona no que tange às questões do parto humanizado, momento no qual as mulheres assumem o protagonismo dos partos, em que há o

crescimento e a retomada do trabalho das doulas, os avanços na área da saúde das mulheres e em temas afins, tais como o dos métodos não farmacológicos para fortalecimento do útero na preparação para o parto.

Os feminismos estão a cada dia se ocupando mais do processo do nascer e do gerar e, neste sentido, buscando apontar os prejuízos causados após longos anos de partos induzidos e na compreensão das nuances da corporeidade das mulheres, é nesta perspectiva que Casilda Rodrigáñez Bustos (2020, p. 23) anuncia o objetivo do livro como parte do entendimento do dispositivo de abertura do útero como um processo de excitação e de orgasmo.

A palavra uterina foi, muitas vezes, utilizada para desqualificar as mulheres ou nomeá-las como histéricas. A histeria teve origem na palavra grega *hystéra*, que quer dizer útero e foi utilizada por Hipócrates para pensar uma suposta perturbação do útero que causaria uma irregularidade cerebral, tendo em vista o movimento vascular no qual o sangue iria deste órgão para o cérebro. No final do século XIX e início do XX, aconteceu a construção da histeria como fato científico e a psiquiatrização do comportamento feminino. O renomado Hospital Psiquiátrico Pitié-Salpêtrière consolidou-se em uma fábrica de transformar mulheres em histéricas, o mestre de obra era então o conhecido médico francês Jean-Martin Charcot (1825 -1893). Em seu trabalho, ele aceitava somente mulheres com suspeita de histeria e desenvolveu, durante muitos anos, pesquisas com as suas cobaias, retomando uma terminologia que chamou a atenção de Sigmund Freud, que anos mais tarde escreveu *Estudos sobre a histeria* (1895).

Na contramão do ideário do útero débil e contraído, o médico e cientista Wilhelm Reich (1897- 1957) analisou as tensões corporais em resposta aos eventos sociais conturbados e, como contraponto, propõe a relação da expansão orgástica dos corpos. Sobre a proposta dele, Casilda Rodrigáñez Bustos (2020, p. 45) escreveu: “como diz Reich, existe uma grande diferença entre ser geradas/os no útero distendido, dentro do corpo relaxado pelo prazer, e ser geradas/os em um útero contraído, dentro de um corpo encorajado”. Utilizando-se das teorias reichianas e com base nos estudos dos obstetras Leboyer e Read, ela defende a tese de que o prazer orgástico do parto foi negado e repellido pelo patriarcado como uma forma de controle sobre os corpos das mulheres. Em sua análise feminista, o parto deve reassumir a função orgânica do prazer e recusar o papel de sofredora imposto, sobretudo, pelo mito cristão do “parirás com dor”. Para ela: “a socialização patriarcal exige que a pessoa seja criada em um estado de necessidade e de medo” (RODRIGÁÑEZ BUSTOS, 2020, p. 101). É, portanto, papel das mulheres e das feministas fazer frente ao parto com dor e exercitar o útero para o prazer orgástico.

Rosamaria Carneiro (2011) defendeu a tese de doutorado na Unicamp intitulada: *Cenas do parto e políticas do corpo = uma etnografia de práticas femininas de parto humanizado*. Em suas análises, a partir de encontros com as mulheres envolvidas nos grupos de apoio sobre o parto humanizado, ela se surpreendeu com o fato de a maioria das mulheres acreditar que a conquista deste modo de parir não está relacionada ao feminismo.

Nos anos 1960, os feminismos causaram uma grande mudança social ao exigirem o direito ao prazer, discutirem a libertação sexual, os direitos reprodutivos e, inclusive, questionarem a obrigatoriedade da maternidade. Muitas dessas conquistas, bem como a do parto humanizado, são fruto de longas discussões, estudos e mobilizações feministas, que, para Carneiro, são sistematicamente negadas pelas mulheres, como no caso dos achados da sua pesquisa, pelo impacto do anti-feminismo, do estigma e da repulsa causada pelos movimentos feministas que questionam a imposição patriarcal sobre os corpos das mulheres. A Agência Nacional de Saúde Suplementar, em ação conjunta com o Ministério da Saúde, publicou a Resolução Normativa 368/2015 que objetivou estimular o parto normal, graças ao esforço de muitas frentes de feministas ativistas da maternidade, o que colabora para o entendimento da importância dos movimentos de mulheres e de feministas.

No Congresso Internacional Ecologia do Parto e do Nascimento, realizado no Rio de Janeiro e em Santa Catarina no ano de 2002, esteve presente a antropóloga Robbie Davis-Floyd, norte-americana que foi entrevistada por Carmen Tornquist (2002, p. 396) e que afirmou “quanto mais as feministas argumentam, mais espaços estão sendo abertos, mais opções para parir uma vida”. Para ela, as feministas foram peça-chave para o desenvolvimento da Antropologia nos Estados Unidos.

Tanto a pesquisadora brasileira como a norte-americana nos fazem pensar sobre a importância e o protagonismo de Casilda Rodrigáñez Bustos na produção teórica sobre o parto com prazer. O livro nos convida a pensar sobre o prazer, sobre as pulsações uterinas e sobre novas possibilidades de parir e de gerar a vida. Sejamos uterinas com prazer, como nos propõe Casilda.

Referências

RODRIGÁÑEZ BUSTOS, Casilda. *Pariremos com prazer*. Trad. de Caroline Caires Coelho. Belo Horizonte: Editora Luas, 2020.

CARNEIRO, Rosamaria Giatti. *Cenas do parto e políticas do corpo = uma etnografia de práticas femininas de parto humanizado*. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 341p., 2011.

EDITORA LUAS. “Nota”. In: RODRIGÁÑEZ BUSTOS, Casilda. *Pariremos com prazer*. Trad. de Caroline Caires Coelho. Belo Horizonte: Editora Luas, 2020, p. 11.

TORNQUIST, Carmen Susana. “Humanização do Parto: entrevista com Robbie Davis-Floyd”. *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 389-397, 2002.

Patrícia Lessa (plsantos@uem.br) nasceu em Pelotas, no Rio Grande do Sul. Educadora feminista, ecovegana que cultiva árvores. Escreve e organiza livros acadêmicos e didáticos. Atua no ensino universitário presencial e a distância, informal e popular. Graduada em Educação Física e História. Doutora em História. Livros recentes: *Amor & Libertação em Maria Lacerda de Moura*, publicado pela Editora Entremares (2020), *O Resgate do Touro Vermelho*, pela Editora Luas (2021) e *Chanacomchana e outras narrativas lesbianas em Pindorama*, pela Editora Luas (2021).

COMO CITAR ESTE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

LESSA, Patrícia. “Uterinas com prazer”. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 30, n. 1, e82730, 2022.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY 4.0 International. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

HISTÓRICO

Recebida em 08/07/2021

Aceita em 24/08/2021

